



A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Maikey Lucas de Oliveira Maia (1); Maria Alyne Oliveira de Queiroz (2); Jesiane Maria de Sena Araújo (4).

Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP, facep@facep.com.br.

Resumo: Com a proposta de refletir sobre a importância do conto e do lúdico para se observar e se fazer suplência ao sujeito que sofre e não dispõe de recursos para lidar com tal sofrimento, o artigo tem como objetivo principal evidenciar a importância de recorrer aos contos infantis no ambiente escolar para tentar estabelecer um processo de identificação das crianças e assim trabalhar questões que podem vir gerar conflitos nos pequenos. Espera-se que com isso o educador adote uma perspectiva de pensar em cada sujeito ali em sala como ser único, possuidores de uma singularidade e que, com isso, possa trabalhar em um formato pedagógico que abrace esse sujeito em seu todo, pois acreditamos que a escola tem um papel indispensável na formação desse ser e esse olhar singular do educador é condição *sine qua non* pra se fazer possível estabelecer um espaço pedagógico que inclua também o sujeito do inconsciente (\$).

Palavras chaves: O lúdico e a contação de histórias; educação infantil; psicanálise.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento intelectual é algo que se aprimora durante o decorrer da vida. Aos poucos, o homem vai sendo marcado por experiências cotidianas que vão acabar por definindo sua psique e, conseqüentemente, influenciando o andamento de sua vida. Dessa forma, a infância se torna uma faixa etária que exige maior atenção, sendo que é a partir das vivências dessa fase que irá ser moldada a vida adulta do sujeito, segundo a psicanálise.

Entendido isso, é de grande importância proporcionar maneiras de facilitar o processo de uma elaboração das experiências traumáticas daqueles que não dispõe de recursos para tal. Os contos infantis são uma ótima maneira de realizar essa atividade.

Hoje, assim como antes, ainda é uma tarefa bastante complicada lidar com uma criança no período inicial de sua infância, pois, por vezes, se torna um difícil entendê-la e ajudá-la a lidar com o sofrimento que a invade, pois a vida é um fator desconcertante para a criança, cuja qual necessita aprender a conviver com essa grande complexidade que é o mundo.

Tomando por base uma vertente psicanalítica, tem-se um comum acordo de que a criança, ainda numa fase de desenvolvimento, não possui ferramentas simbólicas suficientes para lidar com



questões que a incomodam. Por esse motivo, o papel do educador é um desafio a ser enfrentado, pois esse precisa elaborar maneiras pedagógicas que auxiliem a criança nesse processo de se entender melhor e dar significado aos seus processos angustiantes e, conseqüentemente, torna-la mais capacitada a entender e conviver de maneira satisfatória com os demais ao seu entorno.

Foi a partir desse ponto de vista que o presente artigo, através de um estudo de caso, objetivou comprovar a eficácia do conto para dar vazão ao sofrimento e do lúdico para se procurar entender tal sofrimento que, por vezes, o sujeito, ainda nessa fase, não consegue simbolizar e racionalizar adequadamente de outra forma que não seja a identificação (através da literatura infantil) ou a exteriorização na forma de brincadeiras (lúdico).

O CONTO, O LÚDICO E A NECESSIDADE DE SIMBOLIZAR

É importante relatar como ocorreram as visitas à sala de aula na qual João¹ frequenta desde nosso primeiro encontro para assim se fazer possível a compreensão do leitor acerca do que, de fato, despertou nosso interesse pelo sujeito.

No primeiro contato houve inicialmente uma apresentação. Houve uma boa recepção tanto das professoras quanto das crianças que lá estavam. Relatou-se que estávamos ali apenas para passarmos momentos com eles, de brincadeiras, contação de histórias, porém, naquele dia, ficaríamos apenas ali, quietinhos, e, posteriormente, em oportunidades futuras, faríamos algumas outras atividades (consideramos importante não falar que iríamos observá-los, talvez isso geasse certo desconforto).

O primeiro contato com João não foi recebido com tanta empolgação por parte dele, era como se não estivéssemos presentes. Diferentemente de todas as outras crianças que eram intrigadas com porquê de estarmos ali e sempre vinham à nossa procura para sanar suas curiosidades, João permanecia calado, não demonstrava nenhum interesse pelo novo. Já de princípio isso no chamou atenção e, conseqüentemente, essa possível falta de interesse foi, sem dúvida, um dos motivos que fizeram nossa atenção se voltar para o garoto – por esse comportamento diferenciado dos demais. João é totalmente disperso e parece não se interessar pelo que acontece ao seu redor. Várias atividades com os colegas em sala envolvendo jogos, brincadeiras, atividades que despertam o

¹ Optou-se por utilizar um pseudônimo para resguardar o sigilo do sujeito em questão.



interesse de crianças, etc., simplesmente não se mostraram tão motivadoras assim diante dos olhos de João, já que seu único interesse era ficar ali, no seu canto, calado, contemplando um mundo que, aparentemente, é paralelo ao real, é particular. Outro fato notado durante a observação é que o sujeito sempre carregava consigo um objeto (que segundo as professoras não era algo fixo, porém, sempre era algo que ele trazia de casa – no dia em questão era uma maçã), esse mesmo objeto não é deixado por ele em nenhum momento, não entregara a ninguém, segurava-o o tempo todo e só produzia² algo se caso esse objeto estivesse sob sua posse. Qualquer tentativa de reclamar (tomar para si, retirando dele o acesso ao mesmo) esse objeto do garoto era como se tivesse invadindo-o e, como resposta a essa invasão, ele parava, de fato, de produzir. Vale a ressalva que tal objeto era mantido até o fim da aula pelo garoto. No dia em questão, a maçã não foi consumida pelo mesmo, permanecendo em sua posse até o momento de sua saída da escola.

No decorrer das visitas que foram acontecendo, outras coisas foram chamando a atenção, como o fato que em uma brincadeira de passar um globo de borracha que representava o planeta Terra de mão-em-mão para que cada criança apalpassse e em seguida passasse para o colega. Ao chegar até João a brincadeira parou, ele não quis repassar o objeto e, quando a professora o retirou dele, João foi aos prantos. Todas as atividades que eram propostas pelas professoras João não conseguia manter um foco, nunca se posicionava ao seu local, comportando-se de maneira adversa aos colegas. Nas brincadeiras, era possível identificar uma grande dificuldade em seguir regras e, quando alguém invadia seu espaço numa brincadeira de troca de locais³, ele assumia uma postura agressiva.

Optou-se então por explicar um conto em sala de aula, a escolha do mesmo foi demasiadamente proposital. O conto foi lido para todos os presentes em sala, mas estávamos atentos em João e, para surpresa dos presentes, o único momento em que se percebeu a atenção de João voltada para alguma atividade foi nesse exato instante; no instante em que o conto foi socializado. Nesse momento, algo lhe chamou atenção – algo que vamos especular posteriormente nesse presente artigo. Durante e após o conto João falou e seu discurso veio impregnado de certa angústia.

² Produzir aqui está num sentido de participar das aulas, das brincadeiras, etc.

³ A brincadeira se caracterizava em cada aluno se pôr em um determinado espaço demarcado com um quadrado e um número equivalente; em uma hora da brincadeira a regra era que, na medida em que a professora fosse falando os números, os alunos fossem trocando de casa, porém, João perpassava por todos os espaços dos colegas, era como se ele não tivesse internalizado a orientação da professora e, veja, ele foi o único. Mas algo que chamou atenção foi o fato de quando alguém era designado a deslocar-se para o espaço de João, esse não permitia que o colega entrasse, apresentando uma agressividade para com a outra criança.



Depois dessas informações coletadas através das observações, já se possuía ferramentas suficientes para fazer um recorte de João como sujeito no contexto escolar e pensar suas manifestações sintomáticas nesse âmbito. Algo não estava certo. A pergunta que nos rondou foi: como a escola pode ajudar a criança nesse processo de sofrimento? A resposta veio logo em seguida: uma das possibilidades é resgatar as histórias infantis para ajudar na simbolização do sujeito que sofre, pois “a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (BETTELHEIM, 2002. p.8). Seguindo esse preceito, ou seja, resgatando o conto infantil no espaço-escola, foi possível evidenciar uma experiência rica de acesso a um inconsciente que não dispunha ainda de uma linguagem estruturada para se expressar e simbolizar adequadamente. O conto veio fazer essa função de suporte entre o sujeito e aquilo que lhe escapa. Como assim ‘*aquilo que lhe escapa*’? Justamente a conteúdos que não temos acessos cotidianamente – o que Lacan vai chamar de Real, que seria exatamente aquilo que não se encontra possível de ser simbolizado, escapa à simbolização e que “na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada.” (Lacan, 1992, p.98).

Foi exatamente por saber que o ambiente era formado por crianças de uma faixa etária de 4-5 anos (que estão se situando numa posição edípica) que resolvemos trazer o conto de João e Maria; um conto que aviva uma problemática de abandono, pois ambos os protagonistas são *esquecidos* na floresta e têm de se virarem sem um adulto. Aderindo a perspectiva de Diana Lichtenstein Corso e Mario Corso (2006, p. 43):

Neste conto, os pais são acusados de estarem impondo aos filhos aquilo que, na verdade, o seu próprio crescimento está precipitando em sua vida. Crescer traz ganhos, mas também perdas. Estas últimas fazem com que a independência conquistada pelo filho seja vivida como abandono por parte dos pais, já que é muito difícil, neste momento, se reconhecer como autor da própria história. Muitas vezes, a criança mesma ‘se desmama’ e, ao mesmo tempo, inconscientemente, acusa a mãe de negar-lhe o seio.



Foi com esse ambiente do fardo de ser independente e o flerte com o abandono que João, no meio da história, apresentou um discurso curioso de que “tem um bebê na barriga da minha mãe”. No decorrer do conto, João permanecia atento – o que era um comportamento incomum – o significativo que ali circulava, de alguma forma, havia se prendido em João, fazendo com que o garoto falasse algo que, aparentemente, era de uma origem Real. É exatamente como Freud (1909) diz ao elaborar um estudo sobre um garoto chamado Hans. Ele destaca que Hans se apoiava nos contos infantis, tanto para fazer uma elaboração de uma forma fantasiosa dos desejos despertados no conflito edípico, quanto para resolver as questões que lhe geravam angústia. Ora, com João não era diferente e foi por perceber tal quadro sintomático que buscamos no conto uma alternativa para essa simbolização do garoto. Logo em seguida, ao fim do conto, ao perguntarmos à sala quem gostou da história, João novamente toma a palavra e diz: “eu durmo com minha mãe, no mesmo quarto que minha mãe dorme”. E aqui tínhamos uma brecha para pensarmos no João da fala como sujeito do inconsciente (\$)⁴, assim como nos coloca Lacan (1992a) que “o sujeito do inconsciente é o sujeito barrado da linguagem (\$), e que apela por um complemento de ser”. Esse João da fala era diferente, era um sujeito que foi convidado a ser sujeito (\$) pelo conto. E dormir com a mãe, provavelmente, foi o modo de João responder a possibilidade de ser deixado.

Depois desse salto do menino João na linguagem como sujeito, foi percebido, por um instante, uma das possíveis fontes da sua angústia: o medo. O medo por se sentir ameaçado de perder seu principal objeto de amor e, claro, perder seu lugar. Sem esse lugar João não teria local para se situar e, assim como no conto de João e Maria, estaria abandonado, no meio da floresta, sem lugar. O medo do desamparado, por outro lado, possivelmente escondia um medo ainda mais térreo, o medo da castração, cujo qual gera bastante sofrimento na criança. Sobre o desamparo, Nasio pontua:

Esse sofrimento, seja fóbico, obsessivo ou histérico, é provocado por um fator mais grave que o recalçamento insuficiente das fantasias edípicas. Trata-se dos traumas singulares advindos em pleno período do Édipo. Que traumas? Em primeiro lugar, o de um *abandono* real ou imaginário, que provoca imensa aflição na criança (NASIO, 2007, p. 95).

⁴ Lacan utiliza desse *matema* para fazer alusão ao sujeito inconsciente. O ser separado do desejo do Outro, logo, o ser do sujeito do inconsciente que se faz existir no campo da linguagem e possui relação com o significante e é justamente essa relação do sujeito com seu significante que vai instaurar a falta e marca-lo como um ser faltoso, incompleto, conseqüentemente, barrado. Então vemos um S de sujeito e, ao se instalar no campo da linguagem e se identificar como falta-a-ser, o que era S, ganha uma barra, tornando-se \$.



Este fato nos faz retornar a ênfase da importância do conto e na possibilidade que ele nos proporcionou de pensarmos e podermos continuar nosso estudo. Nas duas falas que João trouxe, ambas traziam também a mãe. Sabemos que nesse período edipiano “o objeto fantasiado (falo) com o qual a pulsão fálica se satisfaz (...) para o menino, o objeto da pulsão, ou seja, o falo é a pessoa da mãe” (NASIO, 1999, p.63). Sendo assim, o objeto de desejo primordial da criança é o objeto-mãe. Logo, o pai é o agente castrador dessa relação simbiótica. É o que Nasio (1999, p.65) nos diz:

Habitualmente, como nós mesmos acabamos de fazer, enfatizamos o apego do menino à mãe como objeto sexual e seu ódio pelo pai. Pois bem, sem renegar essa configuração clássica do Édipo, Freud privilegiou tanto a relação do menino com o pai que não hesitaremos em fazer do pai — e não da mãe — o personagem principal do Édipo masculino. Eis o argumento para isso. Na primeira etapa da formação do Édipo, reconhecemos dois tipos de ligação afetiva do menino: um apego desejante pela mãe considerada como objeto sexual, e, sobretudo um apego ao pai como modelo a ser imitado. O menino faz de seu pai um ideal em que ele próprio gostaria de se transformar. Enquanto o vínculo com a mãe — objeto sexual — se nutre do ímpeto de um *desejo*, o vínculo com o pai — objeto ideal — repousa num sentimento de *amor* produzido pela *identificação* com um ideal. Esses dois sentimentos, o desejo pela mãe e o amor pelo pai, diz-nos Freud, ‘aproximam-se um do outro, acabam por se encontrar, e é desse encontro que resulta o complexo de Édipo normal’. Ora, o que se passa durante esse encontro? O menino fica incomodado com a presença da pessoa do pai, que barra seu impulso desejante dirigido à mãe. A identificação amorosa com o pai ideal transforma-se, então, numa atitude hostil e acaba em uma identificação com o pai como homem da mãe. O menino quer de fato substituir o pai junto da mãe, considerada como objeto sexual, e tornar-se o parceiro eleito de sua mãe. Naturalmente, todos esses afetos dirigidos ao pai cruzam-se e combinam-se numa mescla de ternura pelo ideal, animosidade em relação ao intruso e vontade de possuir os atributos do homem.

Percorrendo por esse caminho, faremos pequenos recortes do que já foi dito até o momento na tentativa de desmiúçar um pouco mais nossa investigação. Nossa proposta aqui é pensarmos a posição que João, aos quatro anos de idade, ocupa, e o que faz esse ‘bebê na barriga da sua mãe’ ser algo tão angustiante para ele. Sendo assim, é crucial que retornemos aos *ditos* do garoto. Começaremos pelo que foi proferido logo após o término da historinha: “eu durmo com minha mãe, no mesmo quarto que minha mãe dorme”. Pelo conto tratar de um abandono da criança,



provavelmente João achou estar livre desse ao dormir com sua mãe. O ato de permitir a criança ocupar o mesmo lugar que deveria ser do pai (lembramos que é o pai, possivelmente, que teria que reclamar a mãe para si, como objeto-mulher, não a deixando colada apenas como objeto-mãe na criança) acaba por colocando João numa posição fálica desejante, ou seja, ele tem uma concepção – mesmo que inconsciente – que é o falo e que é o objeto causa de desejo para sua mãe. Ao repetir isso frente à história contada, ele está reafirmando sua posição. O que, até certo ponto, a mãe pode acabar por alimentando tal posição fálica. Miller, em um artigo publicado em 1993 na *La logique de la cure*, Colection de l’Orientation Lacanienne, que teve uma versão traduzida publicada na Revista Eletrônica do Núcleo Sephora intitulado de *A lógica do tratamento do pequeno Hans, segundo Lacan* fala sobre essa mãe que ‘abocanha’ o filho. No retorno a Hans, ele pontua que a mãe do garoto não permitia que o mesmo se libertasse da sua dominação. Com João, especulamos de acordo com o relato posto acima que o mesmo acontece e a criança ainda ocupa uma posição de protagonista do falo e a ameaça de perda estaria gerando sua angústia. Veja, aqui não tratamos da perda do pênis e da ameaça castradora do pai. O que observamos é que, por permitir essa díade perpetuar, o pai de João, possivelmente, ocupa um lugar proposto por Lacan de Pai Teórico que seria aquele que “imaginariza seu lugar simbólico e sua palavra desliza metonimicamente em enunciados, sem que se precipite a significação fálica que legislaria um lugar para o menino como possuidor do falo” (FLESLER, 2012, p. 53). O medo que seria da castração, aqui retorna como a angústia de perder esse lugar de objeto causa de desejo da mãe (falo). E isso se torna ainda mais claro quando João traz a fala de que há um bebê na barriga de sua mãe. Com isso cabe-nos pensar que o agente terceiro que *invadia* a relação de João com sua mãe e ameaçava reclamá-la para si não era um pai, mas sim alguém que ainda estava dentro da barriga dela. Com o conto reconstruímos e permitimos a capacidade de simbolização desse sofrimento.

Com a criança reconstruída, partimos da chegada e podemos eventualmente reencontrar a trajetória de seu devir que, no entanto permanece hipotético. Isso não é um problema para a psicanálise, pois o que importa é o saber que o sujeito constrói na atualidade da transferência – atuação, no presente, da realidade do inconsciente (Lacan 1964:133) (ANSERMET, 2003, p. 13).

Pensando assim, era sobre a ameaça de perder o lugar que, provavelmente, se tratava a situação sintomática de João. A angústia de perder um lugar e, conseqüentemente, deixar de ser o falo. E isso se repetia nas brincadeiras, na não interação, no comportamento e na vida da criança.



Retornemos a brincadeira de troca de locais, mencionada anteriormente; sempre que alguém invadia o local de João, ele empurrava, agia com agressividade para quem o fizesse.

Agora pensemos em João e na sua dificuldade de ‘passar a bolinha’ para o colega ou no objeto que ele sempre traz de casa e não larga por nada. Uma forma de assegurar seu local em meio às ameaças é barrar o outro, é carregar consigo a mãe-de-bolso, ou seja, algo que represente a mãe para suprir sua ausência. É uma forma de não compartilhar o que é seu com o outros, pois, para João, o outro em questão era o que estava dentro da barriga de sua mãe.

Percebemos através do conto que se tratava de um caso onde o agente ameaçador, por mais que não tivesse vindo ao mundo, já era algo concreto no discurso de João e, possivelmente, já se fazia presente também no discurso dos pais do menino. Ter seu lugar ameaçado era angustiante. O garoto não respondia de qualquer outro local que não fosse esse, o local de objeto causa do desejo de sua mãe – falo. Assim como na história de João e Maria, o sujeito se identifica com os protagonistas, pois esses, depois de um suposto abandono, estão sozinhos, na grande floresta, desamparados pelos pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrarmos que nosso estudo se tratou de uma pesquisa investigativa, procurando entender um sujeito com uma demanda sintomática que estava sendo manifestada no âmbito escolar. Isso é de suma importância para pensarmos na práxis do educador frente a esses sujeitos que não disponibilizam de ferramentas suficientes para elaborar um processo simbólico e lidar com angústia das experiências frustrantes.

Em primeiro lugar queremos pontuar que, infelizmente, não tivemos acesso aos pais de João, o que impossibilitou uma tentativa de diálogo com os mesmos a fim de saber como se configurava esse ambiente familiar e só assim pensarmos em formas para trabalhar essa angústia do garoto a partir do lar.

Destacamos desde já que, além da escola, o papel parental também exerce uma extrema importância na construção de maneiras para simbolizar esse sofrimento que invade o sujeito. Nesse caso em específico, podemos pressupor que se trata de uma angústia gerada pela ameaça de abandono; pelo medo desamparo; por sentir que seu local de falo da mãe está ameaçado por alguém de dentro da barriga da mesma. O medo da castração que se encontra presente no Complexo de



Édipo ortodoxo, aqui ganhou uma conotação diferente. O medo não estava exatamente ligado à castração do órgão genital, mas sim de ser castrado de um local privilegiado de falo da mãe. João não possuía o falo, ele era o falo. Com isso, podemos pensar que há um local ofertado a João e que essa sua concepção de ser o falo se sustenta na medida em que há uma demanda de desejo do Outro.

Pressupõe-se que João, assim como Hans, estava preso em um estágio edípico que o impedia de avançar no cotidiano das atividades escolares. Para perceber isso, as brincadeiras presenciadas foram de extrema importância. João não seguia regras, não havia algo que o fizesse parar – uma barra. São fatores que demonstram uma formação de um superego deficiente, o que levou-nos a pensar no pai teórico proposto por Lacan e citado anteriormente.

A castração acarreta angústia – seja ela uma perda de local ou uma ameaça da perda do pênis. O agente castrador de João não tinha nada relacionado com o pai, mas sim alguém que estava por vim da barriga da mãe e provavelmente estaria disposto a roubar seu lugar de falo. O novo bebê, podemos pensar, era um dos fatores que conduziam João a manifestações sintomáticas na escola.

Percorremos esse caminho para pensar na escola e no papel do educador frente a esses fenômenos da psique humana. Acreditamos que a escola tem um papel indispensável na formação do indivíduo e o olhar singular do educador é condição *sine qua non* pra se fazer possível estabelecer um espaço pedagógico que inclua também o sujeito do inconsciente (\$).

Com esse trabalho tentamos evidenciar a importância de recorrer aos contos infantis no ambiente escolar-infantil para tentar estabelecer um processo de identificação das crianças e assim trabalhar questões que podem vir gerar conflitos nos pequenos. Não esperamos que o educador domine a melhor das teorias ou que seja expert em cognição, comportamento e outras coisas do gênero. Esperamos que esse adote uma perspectiva de pensar em cada sujeito ali em sala como ser único, possuidores de uma singularidade e que, com isso, possa trabalhar em um formato pedagógico que abrace esse indivíduo em seu todo.

Só foi possível ter acesso ao que angustiava o menino João através do conto (onde ocorreu um processo de identificação) e dos momentos lúdicos, no qual esses o garoto colocava em repetição seu quadro sintomático. Repetia sua angústia na brincadeira de trocas de locais, onde era agressivo com quem tentasse invadir seu espaço demarcado pela professora, por exemplo.

É aqui que fica constatado que os contos e o lúdico são indispensáveis para ajudar o sujeito na construção de uma ponte entre suas angústias e o processo de entendê-las. É importante o



educador fazer uso dessas ferramentas e assim dar significação ao sofrimento da criança. Dispensar ambos os momentos (o conto e o lúdico) seria tentar dispensar o sujeito do inconsciente, seria padronizar um sujeito que grita por singularidade e, sabemos que, quando se trata do homem, toda tentativa de padronização tende a fracassar e todo sofrimento que não é apaziguado, tende a perpetuar e agravar.

A pergunta que fica é: o quanto de responsabilidade eu enquanto educador tenho sobre uma criança que fracassa num processo de aprendizagem, na medida em que não utilizo de ferramentas para tentar entender e dar vazão ao que lhe incomoda?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSERMET, François. **Traumatismo psíquico. Clínica da Origem, a criança entre a medicina e a psicanálise.** Contra Capa: Rio de Janeiro, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Editora Paz e Terra, 2015.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Artmed Editora, 2013.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais.** Zahar, 2012.

FREUD, S. **Dois Histórias Clínicas: O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”** (1909). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: **a relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 1956-1957, 1995.

_____. O seminário, livro 8: **a transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine Lasnik-Penot com colaboração de Antonio Quinet. 1985.

_____. Seminário, livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MILLER, Jacques-Alain. **A lógica do tratamento do pequeno Hans segundo Lacan.** Asephallus: Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, v. 4, n. 7, p. 70-85, 2008.

NASIO, J.-D. **O prazer de ler Freud.** Zahar, 1999.

_____. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa.** Zahar, 2007.